

# Espaço público

---

*Retirando a letra S, ficam as escolas a chamar-se Ilha de Jorge, Teotónio, Rainha ou nomes quejandos...*

---

## ***Valha-nos... António de Lisboa!***

Por vezes os órgãos de comunicação social, com boas ou más intenções, muitas vezes por serem vítimas de manobras de intoxicação, dão grande destaque a notícias que não são verdadeiras. Mas, em regra, quando publicam notícias falsas, isso constitui sociologicamente um facto mais importante do que se a notícia fosse verdadeira.



**José  
Miguel  
Júdice**

De facto, quando um jornal está a preparar a primeira página tem especial cuidado com o risco de ser alvo de uma tentativa de manipulação. Só arrisca divulgar uma notícia com grande destaque, que não esteja totalmente confirmada, se ela tiver um grau elevado de plausibilidade.

Veja-se o que se passou com o *Correio da Manhã* de 2 de Janeiro. De acordo com a (aliás, excelente) estratégia jornalística que segue, dá grande destaque a notícias chocantes, insólitas, horríveis, surpreendentes, populistas. Daí que os manchetes sejam “Bala perdida mata menina”, “PSP chamada para apagar cigarro” (não, não era o do inspector-geral da ASAE, que essa notícia foi um excelente insólito do *DN*), “50 pessoas queimadas vivas em igreja”, “Gato fedorento apanhado com 1,6 gramas de álcool no sangue”, “Cavaco Silva questiona salários de luxo”. Todas especiais e todas seguramente verdadeiras.

Mas desta vez, lamento dizê-lo, o *Correio da Manhã* não teve todo o cuidado que se exigia, talvez devido à quadra festiva. A principal manchete nesse mesmo dia 2 de Janeiro é “Governo tira nome de santos a escolas”. E julgo que não pode ser verdadeira – o que, como atrás mencionei, só dá maior importância sociológica ao facto.

Segundo o matutino, na reorganização em curso do ensino básico e secundário, devem ser escolhidos nomes para escolas que aparentemente o não tinham (eram chamadas, em “eduquês”, EB, ES ou C+S), podendo ser escolhido um “patrono”, o qual tem de ser – segundo diz a lei citada pelo jornal – “uma personalidade de reconhecido valor, que se tenha distinguido na região no âmbito da cultura, da ciência ou da educação, podendo ainda ser alusivas à memória da expansão portuguesa, à antiga toponímia ou a características geográficas ou históricas do local”.

Passemos por cima do mau português desta disparatada norma e dela própria: pretendendo condicionar o que deveria ser livre impedirá, por exemplo, que se dê o nome de Cristiano Ronaldo, José Mourinho ou Vanessa Fernandes a uma escola, apesar de o Governo achar que estas personalidades servem para promover Portugal. É que o pior está para vir e o espaço é curto.

*O Governo de Sócrates  
tem problemas  
suficientes pela  
frente para precisar  
de mais um foco  
de perturbações,  
de conflito com a Igreja  
Católica, de tensões  
com populações*

Realmente, a seguir, o jornal escreve que o Ministério da Educação deu “indicação” aos órgãos directivos de que “devem ser evitadas alusões religiosas, como nomes de santos ou santas”. Afirmando peremptoriamente que isto não pode ser verdade. Apesar de ter do Ministério da Educação a pior das impressões e de achar que sabem pouco daquilo em que se deviam ter especializado (como revela o facto de regularmente os testes para exames terem erros que impedem respostas certas e nada acontecer depois disso), apesar disso, não posso acreditar que seja verdade.

De facto, os nomes de santos e santas inserem-se perfeitamente nas várias categorias que os burocratas legiferantes definiram para a escolha do “patrono”. Sendo assim, a “indicação” só poderia ser o resultado de uma espécie de anticlericalismo serôdio ou de um tonto e ridículo preconceito. Ou exprime a tentativa de riscar da cultura portuguesa os santos que cabem nela (Santo António de Lisboa, por exemplo) ou de uma tonta vontade de retirar a letra S, ficando então as escolas a chamar-se Vila Real de António, Pedro de Muel, Comba Dão, Ilha de Jorge, Teotónio, Rainha, ou nomes quejandos.

O Governo de Sócrates tem problemas suficientes pela frente (apesar da gentileza cautelosa com que Cavaco Silva o tratou na mensagem de ano novo) para precisar de mais um foco de perturbações, de conflito com a Igreja Católica, de tensões com populações, compreensivelmente ligadas aos velhos nomes das suas terras e aos seus patronos religiosos que veneram, para quem fazem romarias e cujos nomes dão aos filhos.

Esta notícia é, por isso, seguramente falsa. Mas o facto de o *Correio da Manhã* lhe ter dado honras de manchete exprime um estado de espírito muito sintomático. Creio, aliás, que além de mim – que sou desconfiado... – nenhum leitor duvidou que correspondesse à verdade. E isso é que me preocupa. Sou católico, mas não clerical e tenho com a estrutura da Igreja Católica divergências suficientemente significativas (sobre a impossibilidade de divorciados comungarem, o celibato do clero, a regra de que apenas homens de todas as orientações sexuais e não mulheres possam ser padres) para não ser praticante. Em todo o caso, não poderia deixar de lavrar um forte protesto contra o Governo, se esta “indicação” fosse verdadeira. Portugal deve muito à Igreja Católica e ainda hoje sem o esforço abnegado de tantos católicos o país estaria socialmente muito pior.

Mas se a manchete for falsa, ainda que com foros de credibilidade, a conclusão que tenho de retirar é que os *media* chegaram a um ponto em que terão perdido o próprio sentido da decência, da sensatez, da gratidão e da cultura. Também não acredito nisso. Será então que a notícia é verdadeira?

*Advogado*